

a caixa

**10 anos de vigilância electrónica em Portugal
histórias, crenças e memórias**

um projecto de Jorge Romão

Espaço Justiça - 20 de Dezembro de 2012 a 15 de Fevereiro de 2013



10 anos

A ideia deste trabalho partiu de um texto que apresentei, em Março de 2010, no Curso Justiça XXI, no qual abordei a vigilância electrónica (VE) do ponto de vista do seu impacto nas vivências e dinâmicas do espaço doméstico.

10 equipas

10 caixas

A opção pelo título “A CAIXA” prende-se com o facto de uma das componentes mais visíveis da VE (a par do DIP - Dispositivo de Identificação Pessoal, vulgo pulseira) a UML - Unidade de Monitorização Local -, ser comumente designada por *caixa* pelos vigiados, terminologia que acabaria por ser informalmente adoptada pelos técnicos das equipas de VE.

10 histórias

10 fragmentos de vida

Não se trata da “caixa que mudou o mundo”, mas seguramente aquela que alterou a dinâmica dos agregados em que está ou esteve presente.

O primeiro caso prático de VE em Portugal ocorreu em 22Jan2002, com a colocação de uma pulseira electrónica numa jovem de 19 anos, em período final de gestação, numa pequena casa do bairro histórico de Alfama, em Lisboa. O mesmo de onde, reza a história e a correspondente marcha popular, saíram as gentes que embarcaram nas cara**VEL**as.

Poucas horas após aquele momento primordial, surge o primeiro teste à reacção dos serviços de VE: a vigiada contacta a equipa, alegando que tinha deixado de sentir o feto, relacionando tal facto com hipotéticas interferências da pulseira. Instala-se o pânico: O que fazer? O que é que o Manual de Procedimentos da VE previa nestas situações?

A reacção não se fez esperar: aquela é informada que deve contactar o 112, serviço que envia de imediato uma ambulância para a transportar às urgências da maternidade. Dado que nesse contacto referiu estar em VE, a ambulância é acompanhada no percurso por uma viatura da PSP local. Em simultâneo, o técnico profissional de reinserção social (TPRS) de serviço dirige-se para a maternidade, onde as três viaturas chegam com intervalo de poucos minutos. Após observação médica é diagnosticado que nada de errado se passava com o feto, tratando-se de um mero episódio de ansiedade da arguida, atribuída ao desconhecimento dos efeitos daquele objecto estranho colocado no tornozelo. Na data prevista, nasceu o bebé, também do sexo feminino.

Estava dado o primeiro passo e inaugurado o que viria a ser o dia a dia de uma equipa de VE: estar disponível 24 horas para responder ao imprevisto.

Esta é uma das histórias que, logo de início, me propus aqui representar, em particular pela sua carga simbólica em termos de fertilidade e expansão que, tal oráculo de Delfos, parecia antecipar o caminho que a VE viria a percorrer, simbolismo que tentei ilustrar com a caixa “o começo”

Passo a passo, a experiência portuguesa da vigilância electrónica - que, para além do sentido etimológico, começou no feminino - foi-se afirmando e conquistando o seu lugar junto dos diversos operadores judiciais,

sendo hoje reconhecida junto dos serviços internacionais congéneres pelas suas boas práticas e taxas de sucesso.

Transversal a todos os estratos sociais, a VE materializa na sua actividade operativa o conceito - tantas vezes posto em causa - , de que a justiça é cega, através de procedimentos protocolados a nível nacional, naquele que foi um dos primeiros Manuais de Procedimentos sobre uma área de intervenção específica da DGRS. De igual modo, é transversal ao quotidiano dos agregados onde é executada, acompanhando o pulsar da vida e os rituais da família.

Procurei ilustrar essa transversalidade em caixas como “o condomínio” ou “o campo”. Noutras caixas, a ideia foi traduzir histórias, mitos e vivências relacionadas com o modo como os vigiados e as famílias se apropriaram das mesmas, integrando-as no espaço doméstico. Nalguns casos, foram-lhes atribuídas capacidades quase extra-sensoriais, aqui ilustradas pela caixa saúde e mezinhas”, ou simplesmente funcionais, como no caso da caixa “pé-de-meia”. Noutros, foram dissimuladas com objectos decorativos e/ou de culto, na tentativa de anular o efeito estigmatizante que as famílias entendiam poder provocar nos visitantes da casa, aqui exemplificado pelas caixas “casa portuguesa” e “devoção”.

A caixa “regras e disciplina” representa uma das características da VE que mais contribui para a modelação de comportamentos e aquisição de regras por parte dos vigiados. Trata-se de facto de uma vertente da VE que tem produzido efeitos socializadores, em particular nas camadas mais jovens, inculcando-lhes sentido de responsabilidade, disciplina de horários ou até mesmo incentivos para retomar os estudos e/ou a formação profissional.

A violência doméstica, pela sua actualidade, surge retratada na caixa “VD” onde os materiais utilizados remetem para ideias e (pré) conceitos intimamente relacionados com o espaço doméstico mais tradicional e com a problemática em si.

A tecnologia e os média, foram também aqui representados, a primeira enquanto requisito da própria VE, os segundos, pela atenção e divulgação que desde o início lhe dedicaram e

continuam a dedicar.

Como posfácio, e à parte das 10 histórias, os tribunais, a DGRS, a DGSP, os órgãos de polícia criminal e a Ordem dos Advogados surgem representados na “caixa mãe”. Os tribunais e a DGRS pela sua inevitabilidade enquanto aplicadores e executores da VE; a DGSP, as forças policiais e os advogados pela constante articulação inter-institucional existente.

Todas as caixas expostas serviram a sua função - fiscalizar decisões judiciais concretas - até meados de 2010, altura em que foram substituídas por outro modelo tecnologicamente mais avançado. De igual modo, todas as pulseiras aqui apresentadas *sentiram* o pulsar das veias dos que as utilizaram.

Exceptuando as colas e tintas, a quase totalidade dos materiais utilizados no seu revestimento provém de desperdícios e lixo recicláveis, recolhidos nos bairros históricos de Lisboa, de Alfama, Graça e Mouraria. Procurei deste modo introduzir neste trabalho memórias de lugares com os quais fui criando afinidades, mas também objectos que já fizeram sentido para aqueles a quem pertenceram. O que não foi possível obter desta forma, foi encontrado na feira da ladra e nesse mundo mágico que são as lojas de chineses.

Embora a matriz do projecto inicial não tenha sofrido alterações, a sua concepção foi evoluindo em função do lixo encontrado. Para além disso, tive a sorte de durante esse período ter ocorrido uma greve na recolha do lixo durante alguns dias, o que para mim foi “um luxo”.

Em jeito de memória, dedico este trabalho à minha avó Lucília, que dizia a toda a aldeia que o neto tinha “umas mãozinhas de prata” e uma “cabecinha de ouro”.

Espero que nessa comparação, pelo menos a um dos metais, não a tenha desiludido.

Partilho a ideia - pouco consensual, reconhecimento - de que a condição humana se resume fundamentalmente à criação de “sentido”, na diversidade das suas manifestações (*lá está ele com as suas filosofias*, - dizem vocês, os que me conhecem!).

Se este projecto conseguiu despertar algum sentido, ou pelo menos contribuiu para um olhar diferente sobre a VE, sinto-me grato pela oportunidade e ousadia em expor publicamente pela primeira vez alguns trabalhos meus e através deles alguns recortes de vida.

Quanto ao resto, como dizia o poeta, *não me peçam definições*. Assim como os limões são verdes porque o são e *a rosa é bela sem porquê*, também este trabalho apenas tem como pretensão a busca de sentido, no caso, o despertar de um outro olhar sobre a vigilância electrónica, através de histórias, efabulações e memórias.

E, como por detrás de uma história existem pessoas, permitam-me aqui lembrar apenas alguns nomes que, directa ou indirectamente, contribuíram para que este projecto se concretizasse.

A Dra. Clara Albino que em 1997 - à data Delegada Regional do Porto do Instituto de Reinserção Social -, profetizou numa conversa informal a propósito da recente inclusão da VE no sistema jurídico português que eu deveria *ter jeito para as pulseiras*.

Setembro de 2012

Jorge Romão

Título do projecto:

A Caixa - 10 anos de vigilância electrónica em Portugal

© 2012, Jorge Romão

IGAC - registo nº 4350/2012

Vídeo /Youtube <http://www.youtube.com/watch?v=1xXlb7mTnh0>

Ideia original e concepção:

Jorge Romão

jota.caixa@hotmail.com

Fotos das caixas:

Cristina Penedo

Outras fotos:

Jorge Romão

Patrocínio:

SVEP - Segurança e Vigilância Electrónica de Pessoas Lda

Sobre o autor:

Nasceu em 1959, no Painho, aldeia do concelho do Cadaval

É licenciado em filosofia pela Universidade Nova de Lisboa

Vive em Lisboa, na Graça, um dos bairros históricos inspiradores deste projecto

Não tem qualquer formação na área das artes plásticas nem nunca expôs anteriormente obras suas

Passou a infância no campo, onde aprendeu a semear batatas e a mondar o trigo

Já guardou rebanhos, fez criação de coelhos e pisou uvas no lagar

Na juventude dançou num rancho folclórico

Cultiva o humor como forma de estar na vida

Na Administração Pública desde 1987, é técnico superior de reinserção social na Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS)* e integra os Serviços de Vigilância Electrónica desde 2001

Exerce funções de coordenador da Equipa de Vigilância Electrónica de Lisboa desde 2004.

***Nota** : Poucos dias após a conclusão deste projecto, foi publicado o Decreto-Lei nº 215/2012, que funde a DGRS com a DGSP (Direcção-Geral dos Serviços Prisionais) e cria a DGRSP (Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais). Assentando o projecto em histórias e memórias, optou-se por manter a designação original daquele organismo ao longo dos textos. Afinal, é mais um capítulo de uma história que se encerra e mais uma memória que aqui fica.